ANNO XVII — *Lisboa, 15 de Março de 1915* — NUMERO 390

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietario, director e editor
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Pela India — Curiosidades musicaes — Carta do Porto — Meio secuio de musica — Concertos — Noticiario

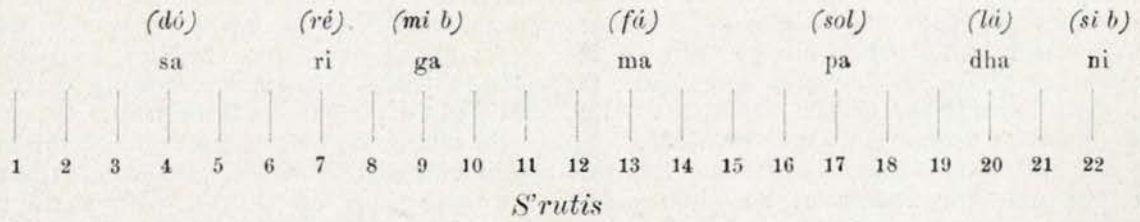
Pela India

(Continuado do numero anterior)

Os diversos graus da escala india tomam o nome de: *shadja, rishabha, gandhara, madhyama, pancama, dhaivata* e *nishada.*

Na pratica e para os effeitos da solmisação essas notas *(svaras)* são indicadas pela primeira syllaba: *sa, ri, ga, ma, pa, dha, ni,* e correspondem *aproximadamente* aos nossos sons: *dó, ré, mi b, fá, sol, lá, si b.* Digo «aproximadamente» e vou explicar porquê. Pelo systema acustico da India a escala completa é dividida em 22 *s'rutis,* especie de *commas,* cuja equivalencia, como já se disse, se aproxima do nosso quarto de tom. Aproxima-se sómente, porque se houvessemos de dividir a nossa escala em quartos de tom teriamos 24 e não 22. Como a cada um dos intervallos indios corresponde um numero exacto de *s'rutis,* nunca podem coincidir, em afinação, as notas dos dois systemas.

O seguinte diagrama explicará talvez melhor o que deixo dito:



Como se vê, não ha a mesma distancia em todos os intervallos ou tons. Emquanto que a distancia de *sa* a *ri* e de *pa* a *dha* é sómente de 3 *s'rutis,* a que vae de *ga* a *ma* e de *ma* a *pa* comporta 4. O capitão C. R. Day, na excellente obra que estou consultando, *The music and musical instruments of Southern India and The Deccan,* attribue a esses differentes intervallos as designações de tom maior, tom menor (tres quartos de tom) e meio tom, conforme o numero de *s'rutis* (4, 3 ou 2) que a cada um compete,

Comprehende-se sem estorço a infallivel discordancia de uma tal gamma para os ouvidos europeus.

E a proposito da palavra *gamma* que acabo de empregar, é occasião de dizer que da palavra sanskrita *grâma* (escala) julgam alguns fazer derivar a *gamma* de Guy d'Arezzo, attribuindo portanto á India a origem do nosso heptacordio occidental.

Não me refiro, por simplificação, senão ás sete notas *puras* da escala india, isto é, ás que conteem o numero de *s'rutis* que a theoria lhes attribue. Se nos 22 graus da oitava (*saptaka*, heptacordio) dispuzermos as notas de outro modo, teremos uma série de *alterações*, que correspondem aos nossos sustenidos e bemoes, mas que, na musica india, não representam mais que uma mudança de *modalidade*, e não de *tonalidade*.

A escala começa sempre pela *shadja*, mas a distribuição das outras notas, conforme o numero de *s'rutis* que a cada uma pertence, varia mais ou menos conforme os systemas. No systema karnatico ha nada menos de 72 modos, emquanto que no hindustani só ha 12.

Sob pena de alongar desmesuradamente esta noticia, não posso aqui desenvolver outros pontos de doutrina, sem duvida interessantes, mas aridos talvez para quem não tenha a intenção de estudar o assumpto a fundo.

(Continúa.)

Curiosidades musicaes

(2.ª SERIE)

II

Constructores de instrumentos — D. Jeronimo dos Anjos e D. Baptista de S. João, frades cruzios

Em dias de lazer e desenfadada melancolia cantava o nosso Camões em sua doce avena:

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo
E mansamente até o mar não param...

Sim, esse donoso servo que, em horas placidas, beija e afaga as plantas da sultana, que soberba e altiva se ergue com sobranceiro vulto acima das suas aguas, levemente ramorosas, eil-o agora se levanta, e qual leão rompente, ouriçando e sacudindo a juba, galga os flancos della, levando-lhe a desolação e esterminio.

Dir-se-ia que a natureza, acompanhando a perversidade humana, se alem deixa cruzar o ferro e o fogo numa luta cruenta e titanica, aqui num assomo subitanio e infrene não excita menos horror e piedade.

Nós já vimos esse rio curvo e humilde, espreguiçando-se desleixado, como uma tenue veia d'agua, e de tal modo que era necessario aos barqueiros, que nos transportavam, lançarem-se á agua e ora refundando-lhe o alveo com enxadas, ora impelindo o fragil barco com os hombros assim podermos deslizar algumas horas por elle. E agora é elle quem domina agigantando-se com furia indomita.

Não bastava á formosa Coimbra ver-se esbulhada de parte dos seu foros seculares, quanto mais vir agora o seu manso tributario afrontál-a e assolál-la como terrivel inimigo!

Volvamos porem os olhos e o espirito ao passado, aos tempos proximos daquele em que Camões celebrava em uma deliciosa canção a serenidade do formoso rio. Eram então os encantos outros, mas não eram menos apreciados, nem menos brilhantes.

Ostentava então a Universidade o seu magno esplendor, o convento ou mosteiro de Santa Cruz toda a sua majestade, o da Companhia de Jesus a sua grandeza, e Coimbra era um foco iluminado, onde a sciencia se cultivava, e onde a arte reinava.

As rivalidades que surgiam entre esses estabelecimentos, eram suscitadas pela moralidade e pureza da fé cristan.

Se outros respeitos humanos se misturavam com estes, *dicant paduani;* não está no nosso proposito discutir este ponto, nem é aqui logar nem occasião para isso.

O que nos importa saber ou tratar são as coisas da arte.

Era o mosteiro de Santa Cruz uma creação real, os seculos tinham-lhe imprimido com a vetustez, a veneração e a magnificencia. Para elle convergiam, nomeadamente na época a que nos referimos ou

que nos ocupa, todo o favor e alento regios.

D. João III se teve a feliz lembrança e gloria de imitar o seu ilustre avoengo el Rei D. Diniz, que

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso oficio de Minerva
E d Helicona as musas fez passar-se,
A pisar do Mondego a fertil erva...

dando todo o auxilio á sua Universidade, que visitou varias vezes, não deixava de proporcionar ao mosteiro de Santa Cruz, a atenção e valimento que lhe merecia o magnificente cenobio.

Obras de toda a natureza eram alli executadas.

Alli trabalharam architectos, imaginarios ou escultores, e pintores da melhor envergadura e maior fama. João de Ruão, Pero Annes, Marcos Pires, Diogo de Castilho, o pintor Christovão de Figueiredo, Francisco Loret e outros artistas, cujos primores artisticos, dalguns, ainda podemos admirar.

Disputavam primazias a Capella da Universidade e a do mosteiro do Santa Cruz, que competiam em numero e pericia com a capella real.

O esplendor das festividades ou solemnidades religiosas onde a perfeição do instrumental e o primor das vozes produziam encanto poderoso entre o povo, que a ellas concorria, e não era factor menos importante, para adoçar a talqual rudeza e violencia, que podesse envenenar os costumes.

Sem sermos reaccionario, não podemos deixar de conhecer quanto a extincção das ordens religiosas, feita de estalo, sem estudo previo, sem preparação, alem de outros prejuizos de diversos generos, foi um golpe mortal no cultivo da musica entre nós; por que embora fosse musica religiosa, era a *Arte* que foi ferida numa das suas mais bellas, e mais universaes manifestações.

O cantor e o instrumentista não estavam sempre a entoar salmos, antifonas ou responsorios. Nas horas de desenfado sempre a arte profana havia de receber o seu culto.

O mosteiro de Santa Cruz era não só um viveiro de habeis e prestantissimos cantores e tangedores dos varios instrumentos empregados na orchestração das suas solenidades, mas ainda dava aso a desenvolver-se entre os seus freires algumas aptidões artisticas, que se tornavam notaveis na construção de alguns instrumentos.

Pena temos que as noticias que podémos colher, só se refiram á segunda metade do XVI século, e não nos possam elucidar ácerca dos tempos mais antigos, de que alguma nota nos poderá aparecer em algum cronista, que não temos tempo nem vagar de procurar. Taes quaes se nos depararam, assim as transmitimos aos que tiverem a paciencia e longanimidade de percorrerem estas linhas.

Começa o primeiro livro de profissões do mosteiro de Santa Cruz em 1552, e delle vamos copiar os assentos seguintes, com as notas que á margem foram exaradas por um freire que não sabemos quem fosse:

«Em o mesmo dia *(trinta de agosto de 1563)* recebeu o habito o irmão frei João natural de Villa Nova de junto do Porto, filho de Joam Rodrigues, homem solteiro e de Maria da Maia. Este Joam Rodrigues, depois que houve este filho, se meteo religioso em o mosteiro de Pedroso junto da cidade do Porto, e chama-se frei Joam Rodrigues. E para lembrança dello asynou o padre prior este asento feito em os trinta dias do mes dagosto de 1563, per dom Inocencio per dom Berardo scrivão do convento. E fez profissão em o segundo dia do mes de setembro, e mudou o nome e chama-se frei hyeronimo ano de 1564.»

dom Lourêço
prior de Sãta †

(Nota á margem) D. Hieronimo dos Anjos fazia manicordios e outros instrumentos para tanger, era bom contrabaixo.

Torre do Tombo Livro I de Santa Cruz fl. 7 v°

«Em os trinta dias do mes dagosto de mil quinhentos sessenta e tres tomou o abito em este mosteiro de Santa Cruz de Coymbra o irmão frey Joam natural de Poiares filho de Joam Correa, conego que foy dos antigos deste mosteiro de Santa Cruz e de Violante Rodrigues, morador em Poiares. E pera lembrança dello asynou o padre prior este asento em o sobredito dia, mes y ano de 1563, per dom Innocencio, por dom Berardo escrivão do convento.

E fez profissão e mudou o nome em os dous dias de setêbro e chamase frei Baptista, ano de 1564.»

dom lourêço
prior de Sãta †

(Nota á margem) D. Baptista de S. João era contralta, e tambê fazia manicordios e tinha habilidade para muitas cousas.

Idem, id. fl. 9.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

Carta do Porto

XII

Concertos Classicos no Jardim Passos Manoel

A tremenda guerra europeia que tem feito correr ondas de sangue e originado as mais insupperaveis difficuldades em todos os generos, fazia prever no começo da estação a mais desoladora pobreza de realisação musical, pela falta de artistas estrangeiros, ausencia de publico e enfraquecimento de energias que a tal assumpto se entregam, pela anormalidade terrificante do momento. Pois nada de isso tem acontecido. Raras vezes temos tido uma epoca tão cheia de concertos, de bons artistas e de boa musica, merecendo a justiça de relato detalhado, se isso fosse possivel nos limites d'uma chronica quinzenal. Não podendo occupar-me portanto de tudo o que aqui se tem feito, não deixarei de o fazer quanto a algumas das manifestações que mais interessaram o meu espirito, nas cartas subsequentes. Por hoje tratarei apenas dos Concertos Classicos no *Jardim Passos Manoel*, pela vulgarisação verdadeiramente popular que elles representam.

Creio ser bem conhecida de todos os lisboetas que nos teem visitado a distincção d'esta casa de diversões, e a muitos tenho ouvido apreciações deveras elogiosas. Ao salão cynematographico, bellamente frequentado, reune um *Hall*, os seus jardins opulentamente illuminados nas noites de verão, e o «Salão de Festas» elegantissimo, todo branco e ouro, deslumbrante na sua *éclairage* feerica, confortavel devéras nas noites de inverno, graças a uma excellente *chauffage*. Emquanto o magnifico *hall* acolhe todas as noites a selecção dos politicos, dos financeiros, dos escriptores, dos artistas e dos elegantes mais em evidencia na nossa terra, extasiam-se os amadores do genero ouvindo um explendido sextetto que lhes serve programmas variados, onde ha um pouco de tudo para que ninguem sáia d'ali sem ter encontrado na extensão do *menu* o prato que mais lisonjeia o seu paladar. Acontece porém que, sendo a musica n'estes pontos de reunião, um aperitivo para a conversa, torna-se o barulho e a confusão tanto mais intensas, quanto maior é o enthusiasmo que os artistas poem no que executam. D'ahi o succeder que umas vezes se toca bem e outras mal, segundo a disposição de espirito dos executantes para a perda d'um esforço inutil, que ninguem lhes aprecia e que nenhuma emoção compensa. E' o debatido assumpto da desmoralisação dos artistas musicos nas *brasseries* e cafés, pela unica responsabilidade dos que frequentam esses recintos.

Ora a empreza do «Jardim Passos Manoel», que escrupulisa em ter bons artistas no seu sextetto, contractando-os nos paizes onde os encontra, mesmo á custa de pesado sacrificio, resolveu avisadamente fazel-os ouvir *a serio*, duas vezes por semana, não no *Hall* onde habitualmente tocam, mas no seu *Salão de festas*, com programmas especiaes que denomina *Classicos*, embora a par d'um quartetto de Haydn ou de Mozart, figure um pouco de Massenet ou de qualquer moderno compositor russo ou hespanhol. A tentativa fructificou. Um grande publico afflue todos os domingos das 3 ás 5 da tarde e nas quarta-feiras das 9 ás 11 da noute, ao lindo Salão, ouvindo em religioso silencio os interessantes programmas dos concertos, para os quaes adquire o seu direito de entrada mediante a modica quantia de 120 réis, ou sejam 12 centavos, como agora se diz!

Eis o que se chama uma verdadeira obra de vulgarisação da boa musica.

O excellente grupo de artistas tem como violino principal um magnifico artista, D. José Porta, de origem hespanhola, mas creio que da escola de Bruxellas, que tem obtido um grande exito nos seus sólos, e de todo o ponto merecido em homenagem ás suas qualidades artisticas. Possue uma grande technica, que se impõe pela expontaneidade, apreciavel justeza e caracter do som. As suas interpretações são tão correctas como sobrias, sem cabotinismos nem exageros. Esta opinião radica-se ao ouvir-lhe a execução completa do *Concerto* de Mendelssohn, da *Sonata* de Cesar Franck,

da *Sonata á Kreutzer*, das peças de Sarasate, etc., obras que lhe teem rendido verdadeiras ovações e a sympathia dos nossos amadores e artistas. A seu lado figura o pianista francez Mr. Gabriel Jaudoin, um discipulo de Diémer, o que tanto basta para lhe assegurar aquella perfeita nitidez e clareza que tanto celebrisou o mestre, e tão facilmente se reconhece nos seus discipulos no *perlé* das passagens rapidas, na egualdade do *stacatto* e no brilhantismo da execução. Mr. Jaudoin é um notavel acompanhador e como tal tem obtido a parte que lhe pertence no successo das sonatas executadas com D. José Porta.

Um novo violoncellista catalão figura este anno entre os artistas do «Passos Manoel». E' elle D. Mario Vergé, que, sendo ainda muito joven, possue desde já uma sonoridade extremamente bella e poderosa e uma apreciavel correcção nos sólos em que se apresenta.

Os restantes artistas, D. Otilio Romanos (violeta), Castillo (segundo violino) e Jorge Paiva (contrabasso) são elementos muito valiosos no resultado mais que lisongeiro das peças de conjuncto.

São já 28 os concertos realisados, projectando-se ainda audições especiaes de Saint-Saëns, de Beethoven, de Wagner, de obras de modernos compositores hespanhoes, além de um terceiro concerto de musica portugueza. Terceiro ou talvez mais, porque o exito do primeiro obrigou á repetição do mesmo programma em segunda audição, á qual assistiu uma concorrencia superior a oitocentas pessoas, tal foi o interesse que a ideia despertou. Ora do que foram esses concertos de musica portugueza, ou antes de obras de musicos portuguezes, eu direi aos meus leitores na seguinte chronica para não massar em demasia com a presente.

ERNESTO MAIA.

Meio seculo de musica

No *Eco Musical* de 1 do corrente commenta o sr. Neuparth a *Carta aberta a Alfredo Sacavem*, que publiquei quinze dias antes n'esta mesma revista, e fal-o em termos taes que todos ficamos convencidos: — 1.º, de que nas seis columnas do seu famoso artigo não havia logar para insignificantes; 2.º, de que todas as minhas asserções são puras falsidades, dictadas por conseguinte, no seu maior numero, por uma lamentavel vaidade...

Entendamo-nos bem. Ha determinados artigos, a que se não responde, quando se não quer descalçar as luvas. Nem uma nem outra cousa eu poderia fazer com escriptos do sr. Neuparth, pessoa que muito considero e a quem me ligam antigas relações d'estima e de affectuosa camaradagem. E' por isso que ainda lhe respondo, mas em poucas linhas, que o tempo escasseia e o assumpto não tem realmente a minima importancia, nem para mim, nem para pessoa alguma.

Devo dizer-lhe, em primeiro logar, que me escapou a tal referencia *em extremo lisonjeira*, que o extincto *Amphion* se deu ao incommodo de me dedicar ha vinte annos. Apesar de detestar cordealmente a lisonja, não posso deixar de agradecer-lhe, um tanto tardiamente sem duvida, a excellencia da intenção, lastimando apenas que, para tempero de tal lisonja, me tivesse batido o mesmo jornal em outra occasião, simplesmente pelo prazer de... bater, e sem a consciencia nitida do que fazia.

Continuando a desfiar as minhas inexactidões, nega-me ainda o sr. Neuparth a prioridade na iniciativa dos concertos symphonicos em Portugal, e diz que tres annos antes dos meus seis concertos, deram os srs. Guimarães e Cardona um concerto d'orchestra, a que se seguiriam outros, etc., se... etc. Foram portanto os srs. Guimarães e Cardona os genuinos iniciadores d'esse bello movimento d'arte, que hoje se traduz pela existencia simultanea de tres excellentes e sempre applaudidas orchestras symphonicas no paiz, duas em Lisboa e uma no Porto. Foram esses senhores, não é verdade? Isso é que o tão illustre como imparcial historiador leva verdadeiramente em gosto, pois não é?

Pois faça-se-lhe a vontade, que é facil d'esta vez. Mas, dada a minha prompta desistencia de primasias tão vans, requeiro que se não esqueçam aquelles nomes em provavel reedição do seu *Meio seculo*.

Termina o apontoado das minhas inexactidões com uma allusão, encantadora de fina ironia, a uma composição que *perpetrei*, nos saudosos tempos em que ainda não havia cabellos brancos, nem desillusões, nem artigos do sr. Neuparth, a que se devesse resposta. Era uma valsa, sim senhor, e, para cumulo d'inexactidão, não contei com ella quando avancei, imprudente, que nem uma misera valsa havia

*

podido escrever! Pois compuz esse *primôr*, é verdade que sem reincidencia de maior monta. Mas quem ha ahi que não tenha d'esses peccadilhos na consciencia? Quantos não teria de confessar o proprio sr. Neuparth, se quizesse ser sincero?

Certo é comtudo que o meu amavel contendor, ardendo por me fazer um elogio a valer, não deixou escapar o pretexto para me affirmar, todo sorridente, que a tal valsinha *não era nada para deitar fóra*.

Obrigado, meu amigo, muito obrigado. Sanccionados os meus meritos de compositor pela grande auctoridade d'um indefesso critico e historiador d'arte e sobretudo pela sinceridade que salta das suas entrelinhas, já estou bem pago de todas as injustiças, bem compensado de todos os labores.

Tudo convém esclarecer afinal. Se não fôssem as suas generosas referencias, começava a convencer-me de que não é o esforço insistente e ponderado que conduz a qualquer cousa na vida. Hoje e graças a si, caro amigo, já vejo rutilar no meu passado alguma cousa de glorioso e grande, que me enche de orgulho. E' o brilho da minha valsa. Obrigado pois, mil vezes.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.

No dia 25 de fevereiro inaugurou a *Academia de Amadores de Musica* a sua actual epoca de concertos. Os numeros orchestraes, superiormente dirigidos por D. Pedro Blanch, foram os seguintes: abertura do *D. João* de Mozart, *Ingenue*, gavota de Arditi, entre acto da *Lakmé* de Delibes, *Marcha turca* de Beethoven e *Fantasia hungara* de Burgmein. Agradáram todos em extremo, sendo bisada a ultima peça.

Fizeram-se ouvir, como solistas, as sr.as D. Hilda Carneiro, que executou muito distinctamente ao piano as *Balladas* de Brahms e Chopin, e D. Benedicta de Jesus, incipiente violinista que mostrou grande aptidão e talento na *Humoresque* de Dvorak.

O publico, que litteralmente enchia o Salão do Conservatorio, onde a festa se realisou, ovacionou profusamente tanto a orchestra como os solistas.

***

Os reputados professores portuenses, D. Leonilda Moreira de Sá e Costa e Luiz Costa, organisaram em 28 uma bella *matinée* de discipulos na casa Mello Abreu.

Executaram n'este concerto as sr.as D. Maria José Salgado, D. Bertha Nunes, D. Alice e D. Maria José Motta Marques, D. Maria Beatriz Placido, D. Maria Luiza Mourão, D. Zeila Nunes, D. Maria Leopoldina Bravo, D. Sylvia Gomes, D. Adozinda Paiva e menina Sylvia Leão, e, como alumnos, os srs. Carlos Albuquerque Couto dos Santos, Americo da Fonseca Araujo e Carlos Adrião.

Desempenhando um programma de lindas peças, adrede escolhidas para as forças de cada um, todos esses aspirantes-pianistas se houveram de modo a confirmar os grandes creditos profissionaes dos dois artistas iniciadores da festa.

***

No programa do 10.º e ultimo concerto de assinatura da orquestra sinfonica portuguêsa, realizado a 28 de fevereiro em S. Carlos, havia dois numeros que chamaram em particular a nossa atenção: a primeira audição da *suite* d'orquestra de Flaviano Rodrigues e as *cenas infantis* de Schumann, com comentarios poeticos por A. Lopes Vieira.

Flaviano Rodrigues não é um novato em composições orquestrais, porque já d'êle temos ouvido outros trabalhos. No entanto a *suite* d'orquestra agora apresentada marca progressos sensiveis, tanto na instrumentação como na exuberancia de ideias melodicas. Ha mesmo no preludio, 1.º numero da *suite*, o esbôço de uma fuga a 4 vozes, com um sujeito interessante, cujo desenho deriva de frases previamente apresentadas, fuga a que o compositôr não deu o devido desenvolvimento, naturalmente para não cançar o auditorio ou porque receou não ser compreendido. E' no entanto esse um genero de composição a que Flaviano Rodrigues poderia e deveria dedicar-se, aproveitando as boas disposições que tem para a composição musical, porque lhe desenvolveria as faculdades inventivas.

A barcarola *in gondola* ouve-se com prazer e apresenta melodias interessantes, embora sem ligação com as do preludio.

Impressionou-nos muito agradavelmente a orquestração do *lamento* e a sua frase inicial, exposta pelo fagote e clarinete. Ha talvez neste numero uma pertinaz insistencia de estranhas e tetricas combinações

de timbres, por certo com o fim de impressionar melancolicamente o auditorio. E' no entanto uma pagina de muito valôr e que denota o conscienciôso estudo do compositôr na instrumentação.

O 4.º numero da *suite*, *scherzo*, pareceu-nos o melhor de todos pelo seu estilo apropriado. O trabalhado desenvolvimento do têma dá lugar a uma polifonia, que põe em evidencia o subido valôr d'esta pagina orquestral. Foi tambem o numero que mais parece ter agradado ao auditorio, que com o seu aplauso unanime soube galardoar este notavel trabalho de Flaviano Rodrigues.

Para nós é sempre digno de todo o elogio a apresentação em publico d'estas provas do assiduo estudo de compositôres portuguêses.

Ha muita poesia em alguns dos versos com que A. Lopes Vieira comentou as *cenas infantis* de Schumann.

A parte musical foi magistralmente interpretada pela sr.ª D. Maria Rey Colaço. A *rêverie*, tanta vez ouvida ao piano e até em arranjos orquestrais, para se destacar e para ser escutada com prazer precisa de uma execução artistica tal como a joven pianista nol'a apresentou.

Quanto á recitação dos versos comentadôres do laureado poeta A. Lopes Vieira não sabemos que mais admirar em *mademoiselle* Amelia Rey Colaço: se a cuidada e consciente expressão verbal, se a sugestiva expressão fisionomica ou o largo e intenso gesto impressionante. Em tudo arte sublime e inteligente, que muito ainda realçaria se a recitação de tais comentarios fosse feita mais em familia e em sála menos vasta.

De todo o programa foi este o numero que mais agradou ao auditorio, que por completo enchia a sala de S. Carlos.

No resto do programa: 3.ª *sinfonia* de Saint-Saëns, para orquestra com orgão e piano, e *abertura solene* de Tschaikowski, cabem á orquestra e ao seu artistico director Pedro Blanch os maiores elogios pela sua cuidada execução.

E. L.

***

Bella tarde de musica foi tambem a que nos proporcionou o Politeama, no ultimo domingo do mez passado, dando-nos um programma variado e, o que mais é, uma execução cuidada, amorosa, meticulosa mesmo em certos numeros, digna emfim dos creditos que David de Sousa já soube firmar entre nós e das valiosas qualidades que distinguem os nossos musicos nos arduos trabalhos da musica symphonica.

Foi superiormente interpretada a primeira *Symphonia* de Beethoven, com unidade, com bôa fusão de sonoridades. O mesmo se pode dizer do pequeno poema, *Erotik*, de Grieg, que teve as honras de bis. Em outras obras de Weber, Sibelius e Moussorgski, já ouvidas em anteriores concertos, na *Balalaika* de Gotschekoff e especialmente na abertura do *Tannhauser*, o publico fez grande ovação ao maestro David de Sousa e á sua brilhante orchestra.

***

O concerto organisado por Oscar da Silva, em 6, constituiu mais um triumpho para este grande artista portuguez que é indiscutivelmente uma das nossas mais lidimas glorias musicaes. O numeroso publico que accorreu ao Gil Vicente (Porto), tributando-lhe ovações sem fim e dando-lhe as mais genuinas e expontaneas provas de apreço, não fez mais do que renovar a consagração de um talento por todos reconhecido e admirado.

No concerto figurou um seu *Quarteto* e uma *Sonata* de piano e violino, tambem de sua composição, produzindo tanto uma como outra obra um indescriptivel enthusiasmo. Na sonata, inspirada nos versos do canto X de Camões:

Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce e magoado,
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores

teve o eximio compositor por *partenaire* a um distinto violinista belga, Réné Bohet, que tambem agradou immenso.

Alem d'esse artista, tomaram parte no concerto a sr.ª D. Leonor Chelmicki Afflalo, cantando as *Endechas* e fóra do programma, *La Nonne*, e a sr.ª D. Margarida Gomes Duarte, uma das mais talentosas discipulas de Oscar da Silva, que tocou *Valsa*, *Sonho* e *Tarantella* com extrema delicadeza e sentimento.

O sr. dr. Aarão de Lacerda abriu a festa com uma brilhante conferencia, em que estudou as caracteristicas da nossa canção e as qualidades estheticas que dominam na raça portugueza.

Consta que algumas discipulas de Oscar da Silva tiveram a ideia gentil de se cotisarem para fazer editar o *Quarteto* e a *Sonata*, que tanto agradaram n'este concerto.

***

Matinée Mantelli. — Difficil é traduzir em pouças linhas a impressão sentida ao assistirmos á poetica e encantadora matinée que M.me Mantelli, artista de raça, organisou e dedicou á memoria de Chopin!...

Não podia ser mais intelligentemente escolhido o programma d'esta festa, onde ouvimos uma serie de melodias polacas do grande maestro, em geral pouco conhecidas entre nós e que achamos de finura e delicadeza de sentimento digno do seu autor.

Abriu a matinée uns cinco sonetos, homenagem á Chopin de M.me Frondoni Lacombe, recitados deliciosamente por M.lle Bertha Guimarães, que os disse com todo o *raffinement* da sua alma d'artista. Nada diremos sobre os versos pelo facto de ser a autora d'elles quem assigna estas linhas, deixando a sua apreciação a outros.

Após os sonetos seguiu o programma na ordem seguinte: «Cio che aman le fanciulle», cantado por M.lle Rita de Carvalhaes, ainda principiante mas já muito correcta; «I due morti», por M.lle Filipa Torre do Valle, que tambem agradou; «Berceuse», para piano, lindamente executado por M.lle Orisa da Silveira, discipula do professor Matta Junior, do Conservatorio; «Onde Torbide», por M.lle Bertha Madail e «Primavera», por sua irmã M.lle Maria José Madail, deixando ambas boa impressão; «Valsa n.º 3» para piano, tocada com brilho por M.lle Amelia Cid, discipula do professor Timotheo da Silveira; «Lontan degl' occhi», por M.lle Leonor Medeiros, que cantou com alma esta impressionante e triste melodia, onde vibra o coração magoado de Chopin que diz á sua Maria a dôr que vae sentir quando estiver ausente d'ella; «Malinconia», pelo Snr. Antonio José Pereira, que imprimiu a este trecho um sentimento que nos impressionou; «Marcha funebre», executada magistralmente pelo maestro D. Luiz Quesada, que gentilmente se prestou a substituir M.lle Maria Ripamonte, discipula do professor Rey Colaço e que não compareceu; «Desiderio di Fanciulla», melodia graciosa e leve como azas de borboleta, cantada por M.lle Luiza Machado, que a disse tão gentilmente que lhe pediram bis; «Il ritorno», por M.lle Manuela Sampaio, que cantou muitissimo bem esta carateristica melodia, onde se sente perfeitamente o galopar do cavallo que é lançado pelo cavalleiro correndo cada vez mais apressado para perto da sua amada, que acabava de fallecer. Foi com enthusiasmo que fizeram bisar este trecho original. «Valsa op. 64 n.º 2» para piano, tocada brilhantemente por M.lle Manuela Santiago, discipula do professor Timoteo da Silveira; «Melodia», canto artisticamente interpretado por M.lle Oriza da Silveira; «Il mio tesoro», dito com graça e gentileza por M.lle Cosette Barreto; «Preludio op. 45», para piano, tocado magistralmente por M.me Laura Reis Ferreira, discipula de M.me Baptista Mendes; «Le mie gioie», que M.lle Magdalena Metello Antunes cantou com expressão; «Canzone Lituana», que M.lle Amelia Cid cantou com a sua expressão especial e a alma que a caracterisa; «Baccanale», cantado por M.lle Bertha Guimarães, que encantou todos pela sua maneira graciosa e intelligente de dizer e de cantar, por todos conhecida e apreciada.

Como se póde deduzir por esta pequena descripção, a festa foi de sensação e se Chopin vive no *além*, não deixou por certo de adejar com as suas azas espirituaes perto de M.me Mantelli e das suas collaboradoras, a fim de agradecer o pensamento delicado que levou a eximia professora de canto a fazer reviver na terra mil pedaços da sua alma, que por aqui ficaram dispersos e vibraram no coração de todos os executantes e ouvintes, como echos longiquos da vida ideal e poetica do melancolico e divinal Chopin!... Bravo, bravo a M.me Mantelli! Foi deliciosa a linda tarde de 7 de Março, cheia de sol a entrar pelas janellas, de flôres ornamentando as salas e de juventude incensando com enthusiasmo sincero a alma sensivel de Chopin!...

Foram umas horas d'Arte *raffinée*, unico sustento para os temperamentos como o de M.me Mantelli, onde domina o sentimento do que é poetico e bello.

MADELEINE FRONDONI LACOMBE.

Nota da redacção. — O que a amavel autora das precedentes linhas não podia dizer e nós affirmamos com summa satisfação é que os cinco sonetos francezes, intercalados na audição de M.me Mantelli, constituiram por certo um dos mais preciosos regalos artisticos d'essa festa. Por ponderosos motivos não nos foi dado assistir á interessante *matinée*; temos comtudo presente uma *plaquette* em que vem reproduzidos esses versos, tão musicaes e vibrantes e que tão nobremente definem a alma torturada do divino artista. Por isso nos permittimos, n'estas breves linhas, prestar a M.me Frondoni Lacombe uma

modesta homenagem de admiração pelo seu lindo trabalho poetico, aproveitando a opportunidade para lhe agradecer a gentileza da sua valiosa colaboração n'esta folha.

***

A 7 realisou-se no Politeama mais um concerto sob a direcção do maestro David de Sousa, com o seguinte programma: *Flauta encantada* de Mozart, *Suite de baile* de Glazounow, *Danças Norueguezas*, n.º 4 de Grieg; *Ode á Belgica* de F. Saguer; *Murmurios da floresta* de Wagner, *Carnaval romano* de Berlioz.

O *clou* d'este concerto foi a nova composição *Ode á Belgica* d'um antigo alumno do nosso conservatorio e agora discipulo de Ruy Coelho, o sr. Theophilo Saguer. A obra é dividida nos seguintes numeros; a) *Belgica invadida*, b) *As rendeiras de Bruges*, c) *Belgica heroica*. A composição é por vezes interessante, e bem trabalhada na orchestração. Recebeu muitos applausos o que tambem não nos admira, pois o assumpto está na ordem do dia.

A. S.

***

Com um programma bem interessante e variado realisou D. Pedro Blanch a sua festa artistica no theatro de S. Carlos, em 7 do corrente mez.

Abria-o a primeira audição de uma *suite* de Antonio Eduardo Ferreira, professor auxiliar de harmonia no Conservatorio e violoncellista muito distincto. Sob o titulo de *Em dia de romaria*, o auctor descreve alguns episodios da vida campesina, e fal-o como conhecedor que é de todos os segredos da composição e da orchestração; o segundo numero, *Oração da tarde*, confiado unicamente ao quartetto, agradou immenso.

A orchestra executou tambem o scherzo de *Songe d'une nuit d'été* de Mendelssohn, a *Sadko* de Korsakow, a terceira *Leonor* de Beethoven e alguns numeros de Wagner.

Como solista apresentou-se uma optima discipula de Pedro Blanch, a sr.ª D. Ivonne Dupuy, que deliciou o auditorio com a execução de duas peças de violino, *Romance en fá* de Beethovem e *L'abeille* de Schubert, sendo esta ultima bisada entre grandes applausos.

O director da orchestra, D. Pedro Blanch, foi muito victoriado, prestando-lhe todos, na sua festa, as homenagens a que tem direito pelas suas inequivocas qualidades de trabalho e de talento.

***

Na quinta-feira, 11, concluiu a série de audições beethovenianas, tão brilhantemente effectuadas pelos professores Colaço e Cardona no Salão do Gremio Litterario.

O nosso amigo e prestimoso collega de imprensa, João de Mello Barreto, abriu esta notavel sessão com uma palestra, em que se referiu ás evoluções por que passou a Sonata desde os primeiros compositores que illustraram esta fórma musical até ao vulto genial do grande musico de Bonn, que mais uma vez se glorificou entre nós com a execução integral das suas sonatas de piano e violino. Alludiu além de isso, em termos merecidamente elogiosos, aos iniciadores d'este brilhante cyclo de concertos, que constituiram de facto um supremo regalo d'arte para todos os que tiveram a fortuna de assistir a elles.

Na execução das duas sonatas d'este concerto, a op. 96 e a magistral *Sonata a Kreutzer*, os professores Rey Colaço e Julio Cardona puzeram todo o seu talento, já de ha muito consagrado, e suscitaram grandes e prolongadas ovações. Uma distincta amadora, madame Guittan de Vignemont, teve tambem o seu merecido quinhão de applausos na execução da parte vocal do concerto.

***

Para os seus 306º e 307º concertos escripturou o *Orpheon Portuense* um trio d'insignes artistas francezes, srs. Mauricio Dumesnil, Julio Boucherit e André Hekking, respectivamente pianista, violinista e violoncellista, cuja apresentação se fez em 10 e 12 d'este mez no theatro Gil Vicente.

Não nos chegaram a tempo as noticias sobre estes concertos, de que se occupará sem duvida no numero proximo o nosso illustre chronista portuense, sr. Ernesto Maia. Temos apenas á vista os programmas das duas *séances* e d'elles extractamos, como peças capitaes, as seguintes obras: trios de Haydn, Mendelssohn (em ré menor), Saint-Saëns e Lalo; sonata para violino de Saint-Saëns: sonata para violoncello de Grieg; *Cantos de Hespanha*, *suite* d'Albeniz para piano.

Como pequenas peças especiaes para cada um dos instrumentos, veem citadas no programma: para o pianista, composições de Chopin, Mendelssohn e Liszt; para o violinista, Couperin e Leclair (seculo XVIII); para o violoncellista, Glazounow, Rameau e Saint-Saëns.

Estes notaveis artistas vieram seguida-

mente a Lisboa, onde devem ter dado um concerto (S. Carlos) á data em que se publica este numero.

***

Na encantadora residencia da illustre artista, sr.ª D. Adelaide Lima da Cruz, cujos luminosos trabalhos de pintura admiramos a par dos primores da sua inconfundivel arte vocal, deu-se em 12 uma elegante *matinée* de musica e recitação.

Cantaram as sr.as D. Sarah da Motta Vieira Marques, D. Maria de Chateauneuf, D. Bertha Leite e D. Leonor Quintans; tocou piano *mademoiselle* Martha Leite e violino D. Francisco Benetó; recitou lindas poesias a sr.ª D. Branca de Gonta Colaço; e finalmente um côro, magistralmente ensaiado por Mad. Cruz, cantou trechos de Bach, Gluck, etc.

Por esta succinta enumeração, se poderá fazer uma ideia do enlevo d'arte que constituiu, para os felizes convidados da distincta artista, essa deliciosa tarde, inolvidavel para todos.

***

A 13 organisou o *Club Estephania* mais um bello concerto, em que tomaram parte valiosos elementos, como solistas, e uma numerosa e bem ensaiada orchestra, sob a direcção do distincto amador e nosso bom amigo, sr. D. Henrique Carlos de Menezes Alarcão.

Tocou esta orchestra a abertura do *Egmont* de Beethoven, a *Valsa triste* de Sibelius, acompanhando tambem o *Concerstück* de Goltermann (op. 65) ao eximio violoncellista João Passos. Entre os solistas e além d'este reputado concertista estavam mencionadas no programma as sr.as D. Juliana F. T. Teixeira (harpa); D. Alice Pancada, D. Maria Pires Marinho e Antonio José Pereira (canto); e Francisco Pacheco do Canto e Castro (violino).

Ignoramos se se executaram todos os numeros annunciados, porque pelas exigencias da data, somos forçados a escrever antes da realisação da festa, e a ella não podemos infelizmente assistir, apesar da gentileza do convite com que a direcção honrou esta redacção.

***

Em festa artistica dos professores da orchestra, estava annunciado para hontem um novo concerto symphonico em S. Carlos, de cujo programma destacamos o *Septimino* de Beethoven, a abertura do *Egmont* do mesmo compositor, o poema symphonico *Phaeton* de Saint-Saëns e a abertura do *Guilherme Tell*.

O solista da tarde foi o sr. João Queriol, talentoso pianista da escola Timotheo da Silveira, que executou o tão escabroso como magistral *Concerto* em *mi bemol* de Liszt, acompanhado pela orchestra.

***

As Escolas de Musica e da Arte de representar do Conservatorio promoveram no dia 13 uma linda sessão mozartiana, em que figuraram alguns dos melhores alumnos do estabelecimento—D. Lydia Benard Guedes, Marcial Rodrigues, Accacio Ramos de Faria e Armando Gomes (violinos); Herminio Nascimento e Alberto Fernandes (violetas); Julio Almada (violoncello); D. Lydia Cutileiro (canto); D. Alda Felismina Gomes e D. Cremilda Cutileiro (piano); D. Celeste Leitão, D. Luiza Lopes, D. Irene Neves e D. Isaura Silva (dança).

Constava o programa de esta encantadora festa do 3.º *Quinteto* com duas violetas, do 10.º *Quarteto* da cordas, da 4.ª *Sonata* para piano e violino, de um trecho de canto do *Cosi fan tutte* e do minuete do *D. João*, em que suppômos se estreiavam as alumnas de dança. Todos esses numeros foram meticulosamente preparados e ensaiados nas classes de *Musica de camara* (prof. Alexandre Bettencourt), *Canto* (prof. Augusto Machado, *Dança historica* (prof. D. Encarnação Fernandes) e *Indumentária* (prof. Manoel Castello Branco).

E' nosso convencimento de que a musica de Mozart, é, na obra classica, a de mais difficil e perigosa interpretação. N'este seculo de utilitarismo *à outrance*, mal se comprehende a arte mesureira, galante e futil, que caracterisou a segunda metade do seculo XVIII, e que a musica divina do mestre de Salzburgo definiu como nenhuma outra. Com lampejos de genio, é certo, mas sem poder subtrahir-se aos requintes e subtilezas um tanto alambicadas, que puzeram um sello de inconfundivel *miévrerie* em toda a producção do seu tempo. Assim é que a obra de Mozart, o mais italiano de todos os allemães, obra creada em um ambiente de sedas, de polvilhos, de galanteios, de todo o genero de gentilezas de corpo e de espirito, que não pódem coadunar-se com o nosso modo de ser actual,

ha-de ser sempre um escolho para os interpretes d'hoje, ou pelo menos para aquelles que não possam por um excepcional poder d'adaptação e por uma especial orientação educativa, transferir-se em espirito para uma atmosphera esthetica que não é a nossa e que portanto não podemos admittir sem esforço.

Não se supponha que dizemos isto por desmerecer o trabalho dos talentosos alumnos do Conservatorio e dos seus illustres professores. Pelo contrario. Entendemos que attentas as difficuldades do emprehendimento, mal se poderia exigir perfeição maior de alumnos, que se apresentam sem pretensões e que nem ao menos concluiram os seus respectivos cursos. Todos são dignos de sincero applauso e todos mostraram verdadeiro aproveitamento, havendo até numeros, como o minuete do *Quarteto*, toda a peça de canto, e alguns fragmentos da *Sonata* e *Quinteto* que nos satisfizeram quasi em absoluto.

Mas, a fazer algum reparo á preparação do concerto, se é que a nossa situação de critico nos póde dar esse direito, diriamos que ao numero das classes ou aulas que se occuparam da *mise-en-œuvre* d'esta encantadora iniciativa, nós não hesitariamos em acrescentar a da *Historia da musica*. N'esta aula, que um valioso mestre dirige ha annos, haviam de fazer-se as precisas conferencias e estudos para que cada um dos executantes que alli iam interpretar Mozart se compenetrasse bem do papel que desempenhou, na vida social e artistica d'esse delicado cinquentenio, o genial musico que se pretendia glorificar.

Isto que constitue uma aspiração pessoal e um *souci* de perfeição educativa, que talvez frisem os limites do exagero, não significa de modo algum menos apreço pelo trabalho feito e pela suprema organisação do concerto, em que os directores do Conservatorio, srs. Bahia e Dantas, puzeram a sua reconhecida proficiencia e esforço. A elles pois e a todos os participantes na festa, os nossos sinceros emboras.

***

O programma do concerto de hontem, no Politiama, comportava as seguintes obras: abertura da *Leonora* de Beethoven, *Poema simphonico* de Glazounow, *Symphonia fantastica*, obra difficilima de Berlioz que foi pela primeira executada por uma orchestra portugueza, *Rêverie* de João Passos, *A' lareira* de Schumann e abertura do *Rienzi* de Wagner.

A 25 de fevereiro realisou-se no Conservatorio o concurso para o preenchimento do logar de professora de harpa, vago pelo fallecimento da conhecida e apreciada harpista, M.me Martinez.

O jury foi constituido pelos srs. Francisco Bahia, director da Escola de Musica, Frederico Guimarães, Augusto Machado, João Eduardo da Matta Junior, Julio Neuparth, Adriano Mereia, professores da mesma Escola, e José da Costa Carneiro, vogal do Conselho d'Arte Musical.

Eram tres as concorrentes inscriptas: D. Lola Vercruysse, D. Maria Amelia Xavier Frazão e D. Herminia Rosenstock, não podendo esta ultima senhora comparecer n'esse dia por motivo de doença, mas prestando as competentes provas no dia 5 do corrente março.

Consistiam essas provas em uma breve exposição oral sobre methodo de ensino e na execução das seguintes peças: impostas pelo programma do concurso, *Autumn* de J. Thomas e *Estudo em mi bemol* de Godefroid; á escolha das candidatas, *Fantasia*, op. 95 de Saint-Saëns (Vercruysse), *Barcarola* de Parish Alvars (Frazão) e *Harpe eolienne* de Godefroid (Rosenstock); á primeira vista, um trecho propositadamente escripto pelo maestro Augusto Machado.

As decisões do jury sobre as duas primeiras concorrentes mantiveram-se secretas até á data em que a terceira poude effectuar o seu exame, sendo as classificações finaes de 15,5; 15; 14,5 na ordem em que as mencionamos.

Coube pois o primeiro logar á sr.ª D. Lola Vercruysse, a quem será confiada a cadeira do ensino d'harpa, que estamos certos saberá honrar, tanto pelo talento de que tem dado sobejas provas como pela devoção e assiduidade que porá sem duvida no desempenho da sua missão.

Felicitando a distincta artista pelo seu triumpho, felicitamos tambem, muito cordealmente, as duas outras concorrentes pela excellencia das suas provas, que vieram confirmar o alto conceito em que são tidas de ha muito no nosso meio artistico.

***

Com o titulo de *Primeiro nucleo de um Museu Instrumental em Lisboa* acaba de ser publicado um catalogo, coordenado pelo director d'esta revista e no qual se descrevem os objectos por elle reunidos até hoje, com vista á creação de um museu publico inteiramente consagrado ás cousas musicaes e especialmente á historia dos instrumentos de musica.

O volume comporta, nas suas 147 paginas, a descripção, acompanhada de abundantes notas historicas e ornada de gravuras elucidativas, das peças organographicas, livros, estampas, etc., com que se póde desde já contar para a creação de um pequeno, mas interessante Museu, cujo primeiro fundo seria facilmente melhorado e completado com varias peças pertencentes ao Estado, que andam dispersas em locaes improprios, com a aquisição do Museu Keil, em que ha tempos se pensa, e finalmente com dadivas e depositos de particulares, que teem sido promettidos ao organisador.

Reunidos todos esses elementos, é certo que o Museu de Lisboa conseguiria ter, com dispendio insignificante, o que só ao cabo de muitos annos e com sacrificio de importantes sommas, se poude reunir nos grandes museus de Bruxellas, Paris, Londres, Colonia, etc.

Como se póde apreciar pelo catalogo, já estão em poder do iniciador d'esta artistica fundação os seguintes objectos:

174 Instrumentos musicos, antigos e modernos
547 Accessorios d'instrumentos
650 Obras litterarias e musicaes
109 Peças iconographicas

que constitue uma contribuição valiosissima para o emprehendimento, dado que, tanto em instrumentos musicos como em livros e estampas, figuram algumas verdadeiras preciosidades d'arte, de summa raridade e valôr.

Este interessante volume, a que a *Editora* deu um aspecto extremamente artistico, vae ser offerecido a todos os que concorreram com offertas e depositos para este primeiro nucleo do Museu, e em geral a todos os que se interessam pela realisação pratica d'esta iniciativa.

***

Em 21 d'este mez deve realisar-se no theatro de S. Carlos um grande concerto pela banda da Guarda Republicana, ampliada com violoncellos e contrabaixos de corda.

No programma, artisticamente organisado pelo maestro Fão, devem figurar, entre outras obras não menos importantes, a *suite* de Grieg, *Sigurd Jorsalfar*, o *Carnaval romain* de Berlioz, o poema symphonico *Rouet d'Omphale* de Saint-Saëns, *Sakountala* de Goldmark e a *Rapsodia* em fá, de Liszt.

***

Por iniciativa do illustre maestro Antonio Soller pensa-se em dar o nome de Marcos de Portugal a uma das ruas da capital do norte, a exemplo do que já se fez em Lisboa.

O requerimento ou memorial que o artista portuense endereçou á Commissão Executiva do Municipio do Porto é do theor seguinte:

«Diz Antonio Soller, professor de musica, morador na Rua de Malmerendas, 32, que vendo o lamentavel esquecimento a que tem sido votado o nome do nosso glorioso compositor de musica, Marcos Portugal, é seu ardente desejo contribuir para que tão grande falta seja reparada.

Assim, pois, ouso solicitar d'esta Ex.ma Commissão Executiva a sua valiosissima coadjuvação, afim de ver levada a effeito a merecida homenagem ao grande musico, que no seculo XVIII tanto honrou Portugal no estrangeiro, mudando o nome da Rua de Malmerendas, nome que nenhum facto historico representa, para o do grande compositor portuguez.

Marcos Portugal foi, como todos sabem, um musico notavel e fecundo, deixando innumeras operas e outras muitas composições de todos os generos, conhecidas e admiradas em todo o mundo civilisado.»

No passado artistico do paiz o nome de Marcos Portugal é dos que brilham com mais intenso fulgor. Perpetuando esse nome, o Municipio do Porto, que não deixará por certo de attender uma tão justa petição, praticará uma obra de benemerencia artistica que todos applaudirão com sinceridade e reconhecimento.

***

Ante-hontem, 13, estreiou-se uma companhia lyrica, no Eden, com a opera *Carmen*.